

# MATÉRIA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: NOVAS POSSIBILIDADES DE REFLEXÃO E AFIRMAÇÃO DE PADRÕES CULTURAIS E VALORATIVOS DO NEGRO, SOB A LEI 10.639/03

Maria Suely da Costa (UEPB)  
[mescota3@hotmail.com](mailto:mescota3@hotmail.com)

## Introdução

A partir de resultados de estudos desenvolvidos através de pesquisa financiada pelo CNPQ a respeito da representação do negro em textos da literatura cordel, este trabalho tece uma reflexão considerando que, nas diversas expressões temáticas dessa literatura popular, as formas de configuração da imagem do negro se caracterizam não só por uma riqueza estilística, mas também pelas possibilidades de debate sobre a nossa realidade social, política e econômica. Uma linguagem literária presente em sala de aula possível de colaborar no processo de incorporação e afirmação dos padrões culturais e valorativos do negro, a qual se vê concretizada na implementação da Lei 10.639/03<sup>1</sup>. O aporte teórico da discussão teve por foco a relação entre literatura, sociedade e representação. Os dados coletados são reveladores de discursos ora presos a um contexto social marcado pela segregação e preconceitos, ora voltados para a desmistificação de estereótipos e construção de novos valores.

Nos últimos anos, com o advento dos movimentos contra o racismo, novas ideologias, sob o viés da negritude<sup>2</sup>, vêm se ampliando, manifestas em muitas formas e linguagens, dentre as quais se destaca a literatura popular. Atualmente, as manifestações literárias cordelistas têm cada vez mais pondo em foco questões em defesa do negro, ao expor a cultura ancestral africana e sua influência na cultura brasileira. Ou seja, o cordel passa a ser um instrumento de voz ao negro, difundindo ideais de negritude de forma a combater o racismo. A literatura, em uma acepção mais ampla, consiste numa forma de reflexão acerca do mundo, expressando uma concepção da realidade. Com efeito, é produto da sociedade humana, pois reflete e revela de forma não explícita os valores, os costumes e as realizações de uma determinada época (BENDER, 2007, p 1). Dentro dessa perspectiva, a literatura é percebida como um produto cultural, que por meio de seu instrumento, a palavra, propicia possibilidades de expressão de ideias e sentimentos.

Historicamente, o gênero literatura de cordel tem sido composto por uma narrativa que tende a veicular os valores sociais do povo, assim o enunciador, muitas vezes, tem como intuito discursivo dar voz aos excluídos, a exemplo dos retirantes, os sertanejos, e, no caso, mais específico, o negro. Compreender à representação dada ao negro foi o interesse que norteou o primeiro projeto de pesquisa realizado em folhetos de cordel de autoria paraibana, no período de 2009-2010 (PIBIC/UEPB). Na ocasião, foi possível identificar que a maior parte de uma série de folhetos catalogados, de períodos e autores diferentes, trazia as marcas estereotipadas de um discurso fortemente tendente à discriminação racial. Entretanto, compondo este *corpus*, foi catalogado também algumas produções literárias, mais recentes, voltadas para uma representação do negro sob outro viés, a exemplo do negro enquanto sujeitos que resistiram a um

---

<sup>1</sup> Lei 10639/03 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira.

<sup>2</sup> A concepção adotada aqui referente ao termo negritude (termo marcado por sentidos ambíguos) está voltada para a consciência do sentimento de revolta de uma categoria de seres humanos contra o processo histórico de aviltamento e de desnaturalização que a colonização batizou genérica e pejorativamente de negros (DEPRESTE, 1980).

sistema de exploração, tornando-se protagonistas de sua história. Diante disso, novos questionamentos passaram a se configurar enquanto problemática de investigação para nova etapa de pesquisa desenvolvida no período de agosto de 2010 a agosto de 2011, através do programa de iniciação científica (PIBIC/UEPB), no sentido de verificar se haveria no cenário contemporâneo da literatura de cordel paraibana uma produção voltada para fatores constitutivos da identidade negra, promovendo práticas discursivas valorizadoras da pluralidade cultural e desafiadoras das discriminações. Neste contexto, a questão em foco era saber até que ponto se poderia afirmar a respeito de uma contribuição da literatura de cordel paraibana, de uma forma mais direta, com um discurso voltado para reconhecimento e revalorização do negro.

### **O texto literário no contexto didático-pedagógico**

As manifestações literárias cordelistas têm cada vez mais pondo em foco questões em defesa do negro ao expor a cultura ancestral africana e sua influência na cultura brasileira. De modo que o cordel passa a ser um instrumento de voz ao negro, difundindo ideais de negritude, tornando possível colaborar com o processo de incorporar a afirmação dos padrões culturais e valorativos do negro. Nas duas últimas décadas assiste-se a uma série de novos fenômenos em torno da identidade e da cultura negras. Os movimentos negros continuam a crescer, dentro do processo global de democratização e renovação da vida política brasileira, conseguindo, vez por outra, incluir a questão da discriminação racial no foco das questões. Assim como sindicatos, partidos políticos, igrejas, os meios de comunicação começaram a demonstrar uma sensibilidade maior às questões referentes aos negros. Nesse contexto, a cultura literária, obviamente, não é estática. No centro de sua inspiração tanto é visível a construção de imagens representativas do negro de forma estereotipada quanto em oposição ao racismo, na maioria das vezes pela inversão dos símbolos e não pela oposição direta.

Na relação posta entre literatura e sociedade não são poucos as temáticas sociais que são tomadas como matéria literária. Um exemplo a ser citado são as questões de natureza étnico-raciais, bem como de construção da identidade racial. Segundo Fonseca (2001, p. 92), “o modo como a sociedade brasileira lidou com a questão escravocrata, as imagens de negro e de negrura continuam a ser modeladas por uma gama de preconceitos”. As formas artísticas de uma maneira ou de outra acabam dialogando com os determinantes sociais, confirmando-os ou negando-os, isso porque são representações discursivas. Diante disso, torna-se relevante compreender que o texto cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do leitor com a sociedade. Um instrumento capaz de envolver não só aspectos de ordem estética, mas também contextuais.

No contexto educacional, através das diversas expressões temáticas da literatura popular, marcadas por sua riqueza estilística, as formas de configuração da imagem do negro tendem possibilitar, em sala de aula, o debate sobre a nossa realidade social, política e econômica. Isso porque “O leitor de cordel é estimulado a imaginar as situações, não tem as imagens prontas como nos livros infantis” (VIANA, 2009, p. 8). E as imagens emitem informações que envolvem fatos sociais. Por esse motivo, podemos considerá-las como um texto crítico. Elas podem ser concebidas como a representação gráfica de um fato social, de acordo a visão crítica do autor.

Considerando que esta modalidade de cultura popular “se apresenta de várias formas, oral, escrita, declamada e cantada, entende-se que ela apresenta inúmeras

possibilidades pedagógicas” (SANTANA, 2009, p. 1). Estudos revelam que os alunos tendem a apreender com maior facilidade a linguagem simples do Cordel, e a se perceber enquanto destinatário da mensagem escrita. Esta identificação cria vínculos porque inclui o leitor no sentido do texto, por maior que seja a dificuldade de leitura deste. Nesse processo, ganha ênfase o fato de que, através da leitura, se chega ao domínio da linguagem e não é mais possível desconhecer a relação linguagem e poder. Na concepção barthesiana, a linguagem tanto pode se inscrever como meio de dominação, mas também instrumento de conscientização e libertação (Cf. BARTHES, 1987). Nesse ponto, o discurso é colocado como um desafio ao leitor. Barthes nos leva a refletir sobre as forças de liberdade que existem na literatura. Sendo assim, o texto de cordel pode ser usado como uma das formas de autoconhecimento, conhecimento do outro, da realidade e do tempo em que vivemos, assim como do passado e da nossa herança cultural.

Quando da pesquisa do material objeto de estudo, não foi difícil perceber também que cada vez mais a literatura de cordel assume um papel didático-pedagógico na sociedade. Está a cada dia ganhando espaço nas escolas, na mídia e em diversos ambientes de discussão. Essa crescente valorização do cordel se justifica no fato de ser um texto promotor de questionamentos, possibilitando resgate do passado, crítica, denúncia social e representação da realidade.

### **A representação do negro na matéria literária do cordel**

A pesquisa de natureza bibliográfica foi realizada por meio de identificação, catalogação e análise do *corpus* de estudo, conforme sua forma de circulação - o folheto impresso e publicações virtuais. Uma vez identificado os textos com alusão ou uma representação direta do negro, o passo seguinte se deu com a identificação dos sistemas simbólicos quanto à representação do negro. Assim também na fixação da base teórica específica de apoio à discussão, de modo compreender o sistema de significações e de representações culturais atuantes na matéria poética em questão.

No processo de pesquisa e coleta do material, foi necessária uma primeira leitura dos textos, observando seus constituintes, no sentido de identificar aqueles que apresentam de forma direta e/ou indireta alguma representação do negro, para desse modo, selecionar e catalogar as obras diretamente ligadas ao objetivo do estudo. Vale salientar que nesta pesquisa o interesse se deu não somente pelo texto impresso, mas também veiculados em sites da internet que têm propiciado um maior espaço e dinamismo para a divulgação de trabalhos de antigos e modernos poetas/cordelistas, servindo, assim, como fonte imediata de ampla difusão dessa literatura.

Dentre a variedade de cordéis analisados, verifica-se que muitos são os folhetos cuja temática se concentra na perspectiva de marginalizar, descriminalizar e inferiorizar o negro, e poucos são aqueles em que o negro aparece associado à luta, resistindo ao sofrimento da escravidão e expondo sua contribuição cultural para o painel social do Brasil. Neste último grupo foram catalogados cordéis abordando a valorização do negro em atitudes de resistência à escravatura e na revalorização dos aspectos de sua cultura. Tomemos como referência o texto *Zumbi, o herói do Brasil*, de autoria de Francisco Ferreira Filho Diniz, publicado em 2000, no município de Santa Rita por ocasião das festividades do dia da morte de Zumbi dos Palmares. Este cordel, de 32 páginas, exalta as proezas de Zumbi dos Palmares em sua luta e resistência ao sistema escravocrata. O

heroísmo narrado traz à tona a intenção em difundir as qualidades do herói nacional (Diniz, 2000):

Zumbi, o grande guerreiro.  
Depressa foi promovido  
A comandante das armas  
Nas lutas o mais temido;  
Foi mestre de capoeira  
E não fugia do alarido.

Lá na Serra da Barriga  
O quilombo existia  
Nas terras de Pernambuco  
Que era então Capitania  
Hoje se chama Alagoas  
Onde Palmares nascia.

Dividido em aldeias  
Tinha um chefe em cada qual  
Preservando as tradições  
Num grandioso arraial  
E a cultura africana  
Praticada como tal.

Não só a exaltação da figura de Zumbi dos Palmares é marcante no texto. Os contornos dados à história do Quilombo e seus personagens são de uma riqueza que chega a demonstrar um elo entre as lutas do passado com as lutas de agora. Uma demonstração de que a busca pela liberdade ainda persista.

Outro texto de destaque é o folheto *Zumbi e Palmares*, de autoria de Medeiros Braga, publicado em 2010 em João Pessoa. Neste cordel, de 22 páginas, o autor se preocupa em expor a vida do negro desde seu nascimento e juventude na África e seu rapto e vinda ao Brasil. Há uma reflexão sobre a condição humana em todo o enredo do cordel que trata até da ancestralidade de Zumbi, como se o autor quisesse mostrar um homem normal que se converteu em herói por força de ideais coletivos (BRAGA, 2010):

Contam que Ganga - Zumba  
Era um tio de Zumbi,  
Filho da princesa Aqualtune  
Da terra do javali  
Ganga - Zumba comandava  
“cerca do macaco”, que estava  
De Palmares, logo ali.  
(...)  
Ante tanta liberdade,  
Mesmo apesar dos pesares,  
Conhecendo a igualdade,  
Se sentindo em novos lares,  
Foi criada, livremente,  
U’a nação independente;  
A república dos Palmares.

Pode-se afirmar que o texto de Medeiros Braga muito se aproxima da obra de Diniz, porém o objetivo deste poeta não é somente fazer o relato histórico, mas ampliar a condição de Zumbi a todos os negros oprimidos, mostrando como estes poderiam se contrapor à tal condição.

A pesquisa nos *web sites* nos pôs em contato com uma variedade de hipertextos dos mais variados temas e gêneros literários, dentre eles se destacam célebres folhetos de cordelistas já conhecidos presentes nos links sobre literatura popular e cordel, como também os novos autores cujas produções tendem a tematizar questões sociais como prostituição, drogas, conflitos familiares, preconceitos entre eles o racismo. É visível nestes cordéis traços que revelam aspectos dos ideais da negritude, como a luta dos negros na tentativa de reivindicar um espaço na sociedade. Um exemplo disso é a produção do poeta negro Antônio Héilton de Santana, natural de Santa Rita- PB, cuja matéria literária versa sobre a cultura, a luta e a contribuição do negro na história do país, em oito textos de cordéis:

- 1- *A origem do ser humano*
- 2- *A vida e a invasão da África antiga*
- 3- *A escravidão e a resistência*
- 4- *O quilombo de Palmares*
- 5- *Um herói chamado Zumbi*
- 6- *A luta dos negros em conquista da liberdade*
- 7- *As irmandades do Rosário*
- 8- *Movido pela paixão*

Os cordéis citados são encontrados no endereço eletrônico <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/cordel/aheliton/home.html>. Diferente do cordel impresso, não há a necessidade de o texto ser paginado, pois seus versos e estrofes são todos dispostos na página online, obedecendo à mesma regra estrutural das estrofes e versos do tradicional folheto.

No primeiro texto intitulado *A origem do ser humano*, o autor faz uma exposição sobre a teoria evolutiva que consiste na origem ancestral do homem, atribuída ao continente africano por causa das condições climáticas favoráveis ao surgimento da civilização. O autor busca ainda desconstruir ideias racistas e o mito da superioridade de raça, versando pelo bom senso ético, pondo em foco argumentos vindos da ciência para se compreender as diferenças entre as raças e as etnias ao redor do mundo:

(...)  
De acordo com a ciência  
O ser humano surgiu  
Um ser assim como nós  
Ha quinhentos mil anos, viu  
La na África distante  
E de lá ele partiu  
(...)  
As mais frias regiões  
Ao ser branco favoreceu  
A sua sobrevivência  
E nas quentes aconteceu  
Que o ser de pele escura  
Lá melhor sobreviveu  
(...)

Farinha do mesmo saco  
O índio, negro e branco  
Surgimos do mesmo ser  
Somos galhos de um só tronco  
Há diferença nas cores  
Nós somos iguais. Sou franco  
(...)  
Nenhuma raça é melhor  
Nem mesmo superior  
Quem pensa que assim é  
É racista. Que horror.  
Não passa de ignorante  
Mesmo que seja doutor.  
(...)  
Viva toda diferença  
De forma e também de côr  
Viva o índio, viva o negro  
Viva o branco, o leitor  
Bonitos e construtores  
De um mundo de amor

No cordel *A vida e a invasão da África antiga* o autor recorre à historiografia para apontar as tortuosas investidas dos europeus para escravizar o negro africano em virtude de mão de obra barata, este fato culminou na destruição das civilizações africanas e de suas contribuições social e cultural:

Os seus roçados faziam  
Com meio já avançado  
Enquanto em Portugal  
O trabalho era atrasado  
Porém nas armas de luta  
Portugal era afiado.  
  
A invasão da África  
Foi feita por portugueses  
Acrescente nesta lista  
Os ingleses e franceses  
E para arrematar  
Tem também os holandeses.  
(...)  
O saber dos africanos  
Em nada foi respeitado  
De seres livres em escravos  
Eles foram transformados  
Em nome do lucro fácil  
A ferro e fogo marcados.

A narrativa ainda recria metaforicamente o cotidiano social dos africanos antes das invasões e do descaso sociocultural. Na primeira estrofe citada, o destaque recai sobre a diferença no modo de vida do negro e do europeu na relação com o trabalho. Traços da memória cultural do negro que tendem a revelar uma identidade positiva deste na sociedade:

A África você sabe  
Berço da humanidade  
A vida do ser humano  
Um valor sem igualdade  
Por isso faziam festas  
pra quem veio à claridade

O nascimento como festa  
Ele era celebrado  
Cantos, danças e vivas  
O povo comunicado  
Viva a vida, viva a vida  
O neném era louvado

A medida que crescia  
Ficando adolescente  
O menino ele tinha  
Educação diferente  
Separado da família  
Tinha educação decente

No cordel *A escravidão e a resistência*, tem-se um quadro da perversão do colonizador dada à condição de escravatura que o negro teve que encarar quando foi arrancado de sua nação:

Escravidão é a perda  
Integral da liberdade  
A pessoa passa a ser  
De outro propriedade  
Um senhor, o outro, escravo  
em total desigualdade.

O eu-lírico vai definir ao longo das estrofes o que foi o processo escravista, motivo pelo qual tal processo se acomodou ao negro e como o negro resistiu a tanta violência social e ideológica:

O negro era vendido  
Separada a família  
Os parentes espalhados  
Sem ninguém saber a trilha  
Negavam o seu saber  
Faziam do homem ilha

Com o trabalho forçado  
A fome de cada dia  
as mais diversas torturas  
Com toda essa agonia  
Vivendo no sofrimento  
A negrada resistia

Negavam a sua fé  
O seu jeito de viver

Obrigavam a ser cristão  
Sem o negro entender  
Com a cruz e o chicote  
Pra sua força conter

Versa-se a respeito da situação de escravidão dada ao negro, mostrando que esta fora imposta de forma muito violenta. Os termos “negavam” e “obrigavam” justificavam o modo como a cultura afro se configurou em elemento fomentador do racismo, ainda tão presente na sociedade atual. Os versos se estruturam de forma a representar que os ideais de liberdade têm sido um alvo da luta dos negros quando muitos se opuseram ao esforço da desculturização e de assimilação do ocidente colonial.

A reivindicação da liberdade se concretizava na resistência do negro às humilhantes situações que o oprimiam. Os ideais de liberdade se acentuam na figura de Zumbi, figura tema do cordel intitulado *Um herói chamado Zumbi*:

Você conhece Zumbi  
Zumbi, o grande guerreiro  
Liderança de Palmares  
Comandante derradeiro  
Defensor da liberdade  
Herói negro brasileiro

Zumbi herói nasceu livre  
No quilombo de Palmares  
Como pássaro na mata  
Como golfinho nos mares  
Como a voz que livre voa  
Atingindo céus e ares  
(...)  
O exemplo de Zumbi  
Não é só pra ser lembrado  
Ele continua vivo  
Se você tem o cuidado  
De defender bem a vida  
Já lhe dei o meu recado

A figura do negro guerreiro emoldura a trajetória do negro africano que serviu como escravo, e que lutou pra reaver sua liberdade. No contexto atual, de lutas e reivindicações, a figura de Zumbi é retomada enquanto símbolo contra o racismo e as opressões.

Em outro cordel intitulado *A luta dos negros em conquista da liberdade*, encontramos o tom de reivindicação em torno da liberdade conquistada com a lei áurea. Os versos assinalam que a lei assinada em 1888 não significou o fim da opressão, assim como a liberdade que foi sancionada em lei não beneficiou os escravos negros tal qual a História registra:

A lei áurea é a lei  
Derradeira do Brasil  
Que dizem que acabou  
Com um sistema bem vil  
A tal de escravidão  
Isso é bala sem fuzil



Neste texto, o poeta acaba por criticar o mito do benefício da abolição, desconstruindo a versão de que os negros foram os mais beneficiados com o processo, conquistando uma situação social não escrava. Sob um tom de crítica, a linguagem vai pontuar a versão distorcida da história, possibilitando ao leitor refletir sobre a situação do negro em seu estado de liberdade e de como a luta por um espaço de liberdade tem sido contínua e atual:

Ora, ora, meu amigo  
Isabel fez um favor  
Para o rico ter mais lucro  
Essa lei ela assinou  
Não foi por amor ao negro  
Dizia o meu avô

Que libertação foi essa  
Negro não indenizado  
Demitido sem direito  
Pelo mundo sai jogado  
Sem teto e sem comida  
Com título: libertado.

O texto passa a inserir uma série de reivindicações em torno das injustiças que sobrecarregaram o negro após a abolição. O que deveria ser refrigério aos diversos abusos que este povo recebeu passa a ser mais uma frustrada ação de obter os direitos negados.

No cordel *As irmandades do Rosário* a temática religiosa, social e cultural dos negros na era colonial é retratada. Em sua extensão, o texto acaba por historicizar as irmandades, mostrando como as irmandades se formaram, por que os negros se aglutinaram a elas e como os auxílios eram prestados aos escravos e mestiços que empreenderam em sua devoção o desejo de liberdade:

S. Benedito me dê  
Força e inspiração  
Senhora Aparecida  
Abra meu coração  
Santa escrava Anastácia  
Segure na minha mão  
(...)  
As chamadas irmandades  
Também ditas confrarias  
Não tinham freira nem padre  
Só o leigo pertencia  
Como eu, como você  
João, Cosme e Bidia  
(...)  
As irmandades eram sim  
Divididas pela cor  
A cor que digo é da pele  
A dos brancos, sim, senhor  
A dos negros, a dos mestiços  
Racismo! Mas que horror

O poema mostra que a perseguição das autoridades e a resistência dos negros e mestiços eram tamanhas, situação advinda das normas e padrões sociais que regulamentavam a sociedade colonial:

Com medo que as confrarias  
Dos negros e dos mulatos  
Lutassem por liberdade  
Preste atenção no ato  
O rei, Igreja e branco  
Tinham controle do fato

O rei de olho nas contas  
Igreja, visitação  
O branco lá enfiado  
Cada um uma função  
Todos tremendo de medo  
Da força de nós povão

O cordel *Movido pela paixão* de autoria do Antonio Héilton é uma composição que exalta os costumes, ideologias, valores culturais e a identidade negra em geral. O poema versa a respeito da religião trazida pelos escravos nos porões dos navios negreiros e que ajudou o povo negro a resistir e a sobreviver. Graças a sua fé manifesta pelos Orixás, religião que tanto foi combatida e desprezada:

Olorum, Deus criador  
Dê-me a sua proteção  
Pra eu escrever em versos  
Sobre a religião  
Que os escravos trouxeram  
Escondida no porão

Olorum, veja o leitor  
Que tem os olhos fechados  
Que tem o coração duro  
Que vive acorrentado  
Por racismo, preconceito  
Porém quer ser libertado (Ez. 36,24-28)

Faça o milagre de ver  
Amoleça o coração  
Torne-o humano, divino  
Transforme-o em cidadão  
Acorde-o para a vida  
Movido pela paixão  
(...)  
Candomblé foi proibido  
E sofreu perseguição  
Então para cultuar  
Só tinha uma solução  
Usar imagens dos santos  
E rezar no coração (Mc. 13,9-13)

Tomando como referência o conjunto da produção literária de cordel em questão, pode-se dizer que esta se configura em uma linguagem de articulação da identidade positiva do negro pela exaltação da cultura ancestral, dando forma aos ideais de negritude, no sentido de que a ideologia da negritude, antes de tudo, vem ser um movimento de resgate da humanidade do negro, o qual se insurgiu contra o racismo imposto pelo branco no contexto da opressão colonial. Sendo assim, o texto de cordel acaba por oferecer ao leitor a construção de um discurso emancipatório que permite a revalorização da herança ancestral africana, pontuando a representação de uma imagem positiva do negro de modo a dar visibilidade aos ideais de liberdade face à luta contra o legitimado preconceito secular.

## **Conclusão**

Com base nos resultados obtidos nas pesquisas tornou-se possível observar que nos últimos anos as produções de cordel têm revelado uma significativa mudança. Dentro o histórico arsenal da literatura de cordel paraibana, atualmente, é possível encontrar expressões literárias cuja linguagem tende a desconstruir estereótipos negativos, resgatando a contribuição do negro na história do país e no processo de formação étnica de nosso povo. Nestas produções, observa-se que valores que serviram para adjetivar os heróis brancos em muitos versos de cordéis consagrados, por exemplo, agora, passam a dar forma estética às proezas “hercúleas” do negro Zumbi dos Palmares, personagem presente nas temáticas de diversos os cordelistas, que se dimensiona como a voz do negro na luta contra o racismo. A figura de Zumbi, em diferentes cordéis lidos e catalogados, alcança importância singular de símbolo de libertação.

É válido observar que a literatura de cordel além do caráter oral também é escrita, ou seja, é uma construção composicional de versos e estrofes, as quais servem para materializar o discurso oral, conseguindo, com isso, estabelecer uma relação comunicativa com o enunciatário. Assim, a literatura pode auxiliar o leitor na compreensão e construção de um discurso emancipatório que permita a revalorização da herança ancestral africana, contribuindo para a construção de imagem positiva do negro, através da visibilidade à causa negra de ideais de liberdade e luta contra o legitimado preconceito secular. Sendo assim, a utilização do cordel no ambiente escolar deve proporcionar a exploração dos diversos sentidos oriundos do texto como as vozes sociais que tratam do misticismo, do fantástico, dos fatos históricos e políticos, dos problemas de raça, gêneros, entre outros, possibilitando uma atitude reflexiva por parte do leitor. No contexto de sala de aula, a literatura de cordel tende a se inscrever como mais um meio de comunicação verbal capaz de informar, de formar opiniões, questionamentos, reflexões, interagir com o aluno oportunizando-o entrar em contato com uma linguagem diferenciada que expõe nossa diversidade cultural. Logo, o cordel como gênero do discurso contribui na formação do leitor, proporcionando o domínio de outros conteúdos, advindos da diversidade cultural, valorizando, assim, diferentes práticas culturais que, embora marcada pela desigualdade, põem em foco os direitos da cidadania.

No tocante à pesquisa, pode-se afirmar que os resultados em torno da identificação de cordéis em que a imagem do negro se dá sob a configuração de uma identidade não estereotipada, negativa, foram exitosos, apesar do número reduzido. Seu mérito está sem catalogar e divulgar esta produção colaborando com estudos voltados

para o desenvolvimento de identidades negras representadas no e pelo meio cultural brasileiro. A socialização dos resultados obtidos tende a possibilitar o contato de estudiosos e interessados com uma parcela de registros referentes à representação do negro na produção literária de cordel de autoria paraibana que também é uma expressão nacional. A sua contribuição possivelmente esteja em chamar a atenção para o que temos em comum na relação com as “identidades múltiplas” ( KUPER, 2002). De modo que sua contribuição reside não somente em registrar e tornar conhecida uma dada representação, mas principalmente em possibilitar que se abra um leque de discussões e ações a partir da identificação da problematização de uma prática cultural, estabelecida com os afrodescendentes, atuante no meio social, singularizada e divulgada através da literatura de cordel. Uma matéria literária que, uma vez utilizada nos ambientes sociais da sala de aula, tende a criar novas possibilidades de reflexão e afirmação de padrões culturais e valorativos do negro, conforme proposto pela lei 10.639/03.

### Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- BRASIL. Lei 10.639 – 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.
- BENDER, Vanessa; KALB, Larissa. *Projeto de aprendizagem - Literatura em 3500 a.c.* Disponível em: <http://literaturaearteonline.blogspot.com/2007/10/projeto-de-aprendizagemlliteratura-em.html>. Acesso em: 10 maio de 2011.
- DEPESTRE, René. *Bonjour et adieu à la négritude* . Paris: Robert Laffont, 1980. 262 p. p.82-160: Bonjour et adieu à la négritude.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.) Visibilidade e ocultação da diferença: imagens de negro na cultura brasileira. In: *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- KUPER, Adam. Cultura, diferença, identidade. In:\_\_\_\_. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Trad. Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- SANTANA, Antonio Héilton de. Disponível em: <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/cordel/aheliton/home.html>. Acesso em: 10 maio 2011.
- SANTANA, Bruna B. S. *Interdisciplinaridade em sala de aula*. Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel201.htm>. Acesso em: 16 set. 2009.
- VIANA, Arievaldo. *Acorda Cordel na sala de aula*. Disponível em: [http://fotolog.terra.com.br/acorda\\_cordel:17](http://fotolog.terra.com.br/acorda_cordel:17). Acesso em: 16 set. 2009.